

## 15º Congresso de Inovação, Ciência e Tecnologia do IFSP - 2024

### Empatia Espacial e Ambiência Urbana: aplicação na análise de um território urbano em mutação

LEANDRO C. SILVA<sup>1</sup>, DOUGLAS L. L. GALLO<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Graduando em Licenciatura em Geografia; DHU/IFSP Campus São Paulo; Aluno bolsista pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica nas Ações Afirmativas (PIBIC-AF - CNPq) (Edital N°215 de 30 de março de 2023); São Paulo, SP; e-mail: [leandro.cabral@aluno.ifsp.edu.br](mailto:leandro.cabral@aluno.ifsp.edu.br).

<sup>2</sup>Arquiteto e Urbanista; doutor em Urbanismo PROURB/FAU/UFRJ; Docente do DCC/IFSP Campus São Paulo; líder do Grupo de Pesquisa “oby - laboratório cidade paisagem”; São Paulo, SP; e-mail: [douglas.luciano@ifsp.edu.br](mailto:douglas.luciano@ifsp.edu.br).

Área de conhecimento (Tabela CNPq): 6.04.01.04-4 Teoria do Urbanismo

**RESUMO:** As discussões sobre as cidades e os chamados problemas urbanos, que se apresentam no contexto da economia capitalista, ganham cada vez mais relevância, predominando em trabalhos acadêmicos a crítica aos efeitos desagregadores que o mercado produz no espaço urbano. Entretanto, a dimensão humana que está presente no cotidiano da cidade, seus atores sociais e a vida nos bairros estão frequentemente ausentes nas análises já mencionadas. O presente trabalho insere-se nessa perspectiva, de valorização dos aspectos humanos e subjetivos responsáveis pela criação do sentido urbano para indivíduos e grupos. Objetiva-se relacionar a Empatia Espacial ao território do Bixiga, tradicional bairro da cidade de São Paulo/SP, buscando identificar signos emergentes que traduzem a relação do habitante com seu espaço, que é culturalmente construído (ambiência). O trabalho norteia-se metodologicamente pela Geosemiótica, que vincula a compreensão da paisagem urbana às suas qualidades físicas, históricas e culturais. O desenvolvimento da pesquisa permitiu considerar o Bixiga enquanto um bairro que possui Empatia Espacial, visto a coprodução geográfica do território pelos seus habitantes, que superam a lógica inorgânica e homogênea imposta a eles.

**PALAVRAS-CHAVE:** empatia urbana; geosemiótica; cidade humana; signos urbanos; territórios heterogêneos.

#### Spatial Empathy and Urban Ambiance: Analysis of a Changing Urban Territory

**ABSTRACT:** Discussions about cities and so-called urban problems, which arise in the context of the capitalist economy, are becoming increasingly relevant and criticism of the disintegrating effects that the market has on urban space predominates in academic papers. However, the human dimension that is present in the daily life of the city, its social actors and life in the neighborhoods are often absent from the aforementioned analyses. The present work is part of this perspective, valuing the human and subjective aspects responsible for creating urban meaning for individuals and groups. The aim is to relate Spatial Empathy to the territory of Bixiga, a traditional neighborhood in the city of São Paulo/SP, seeking to identify emerging signs that translate the inhabitant's relationship with their space, which is culturally constructed. The work is methodologically guided by Geosemiotics, which links the understanding of the urban landscape to its physical, historical and cultural qualities. The research made it possible to consider Bixiga as a neighborhood with Spatial Empathy, given the geographical co-production of the territory by its inhabitants, who overcome the inorganic and homogeneous logic imposed on them.

**KEYWORDS:** urban empathy; geosemiotics; human city; urban signs; heterogeneous territories.

#### INTRODUÇÃO

Este trabalho se propõe a compreender o papel da dinâmica social local atrelada ao histórico bairro do Bixiga, localizado na zona central da cidade de São Paulo/SP, e seu vínculo com a criação de

sentido urbano pelos habitantes do bairro. Inserindo-se no contexto de debates sobre a condição urbana contemporânea, o presente texto discute a reivindicação da dimensão humana das cidades atuais, valorizando os aspectos locais em detrimento dos agentes supranacionais, característica marcante das cidades globalizadas. Ao processo de conectar-se e produzir, individual ou coletivamente, o sentido urbano é dado o nome de Empatia Espacial (Castañeda, 2017), subvertendo lógicas esquemáticas e esvaziadas do espírito social que confere uma substância humanizante às cidades. Diante disso, procurou-se responder à seguinte pergunta: o Bixiga é um bairro que possui Empatia Espacial?

Objetivou-se compreender as diversas dinâmicas de apropriação e construção de significados em torno do território histórico, porém em mutação decorrente dos processos contemporâneos de fragmentação do espaço (Bauman, 2001; Ascher, 2010). Buscou-se relacionar o fator humano (pedestres, moradores e frequentadores) à produção geográfica e simbólica do espaço urbano (Castañeda, 2021). Norteia o presente trabalho a identificação dos signos presentes no Bixiga que traduzem o vínculo geosemiótico do cidadão com o território. O Bixiga, conhecido por ser uma colônia italiana no coração da metrópole, é, sobretudo, um antigo quilombo urbano, território de resistência da população escravizada onde, depois, se aglutinaram migrantes europeus e nordestinos. Desta forma, o bairro tornou-se um palimpsesto de usos e culturas. Sua realidade espacial é complexa, atravessada pelos interesses do grande capital imobiliário (característica da urbanização capitalista), pelo racismo estrutural que molda as formas de acesso e uso da cidade, pela gentrificação<sup>1</sup> e pelo apagamento histórico de determinadas etnias.

## MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa desenvolvida amparou-se na Geosemiótica (Castañeda, 2021), perspectiva teórica que espacializa os signos urbanos através da atividade social do habitante, que interpreta e significa simultaneamente três esferas presentes nas cidades, sendo elas: topo-semiótica, estético-semiótica e sócio-semiótica. A dimensão topo-semiótica diz respeito às formas arquitetônicas profundas estabelecidas há tempos no território e sua própria formação, às relações de posição que cada ponto possui e seu vínculo qualitativo com o espaço. A esfera estético-semiótica trata dos elementos plásticos (arte urbana, grafite, publicidade, logotipos, emblemas etc.) e sua intervenção no objeto arquitetônico. Por último, a dimensão sócio-semiótica trata da espacialização da atividade social, que se manifesta nos percursos dos habitantes, nas festas tradicionais, nos pontos de encontro no bairro, entre outros elementos. No processo contínuo de coexistência com o espaço urbano, o cidadão produz e reproduz significados, constrói seu próprio sentido do que é a cidade, o bairro ou a rua em que transita.

Quanto ao quadro conceitual, foram trabalhados dois conceitos para a compreensão da realidade geográfica do Bixiga, são eles: empatia espacial e ambiência urbana. A empatia espacial, conceito interdisciplinar balizado por muitos autores, é o processo de criação de vínculos emocionais e simbólicos com o espaço que permitem, posteriormente, entender-se em sintonia com ele, tornando-se co-produtor dos significados espaciais e alcançando a alteridade com esse “outro” onde finda o “eu”. A ambiência urbana corresponde ao lugar urbano e suas qualidades físicas (som, textura, cheiro, brilho) somadas às características emocionais e culturais oriundas do indivíduo que presencia esse lugar (Duarte *et al.*, 2015).

Como procedimentos metodológicos foram desenvolvidas: análises espaciais amparadas no estudo histórico-cartográfico do Bixiga (formação urbana, relações com a cidade), geográficas (população, migrações, ocupação humana); utilização de Sistemas de Informação Geográfica (SIG), especificamente o *software* de geoprocessamento Quantum GIS (QGIS), que possibilitou o trato dos dados coletados em visitas de campo; visitas de campo e Observação Social Sistemática (OSS), para avaliação das formas de apropriação, atributos físicos e sociais de vizinhança.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os procedimentos teórico-metodológicos da pesquisa, realizados dentro de 1 ano, permitiram considerar o bairro do Bixiga enquanto um espaço dotado de empatia espacial, onde o sujeito projeta-se simbólica e espacialmente, produzindo sua própria noção do que é a cidade. Enquanto

<sup>1</sup>Segundo Atkinson (2000 apud Mathema, 2016), a gentrificação relaciona-se ao deslocamento de pessoas de baixa renda, processo induzido quando grupos de maior poder aquisitivo mudam-se para outros bairros, exercendo uma pressão sobre o aumento da renda e dos custos de vida, expulsando progressivamente do bairro aqueles com menor poder aquisitivo.

fenômeno produto da cultura humana, as cidades são simultaneamente fenômenos de significação construídos socialmente, que se estabelecem não somente sobre uma base física real, mas também erguem-se sobre dimensões subjetivas não menos importantes para a consolidação do sentido urbano (Castañeda, 2017; 2021). Desse modo, o Bixiga é mais do que uma configuração geometricamente definida, sua natureza é complexa e se exprime em seus habitantes e na interpretação geográfica do seu universo simbólico vinculado ao bairro (Figura 1). Bairro neste trabalho é entendido como um conceito antropológico, decorrente da percepção de seus moradores, não tendo um limite físico rígido (Pacca, 2010). A tradução da natureza geosemiótica do espaço, dada pelas esferas topo, estético e sócio-semiótico sustentam os traços empáticos do Bixiga.

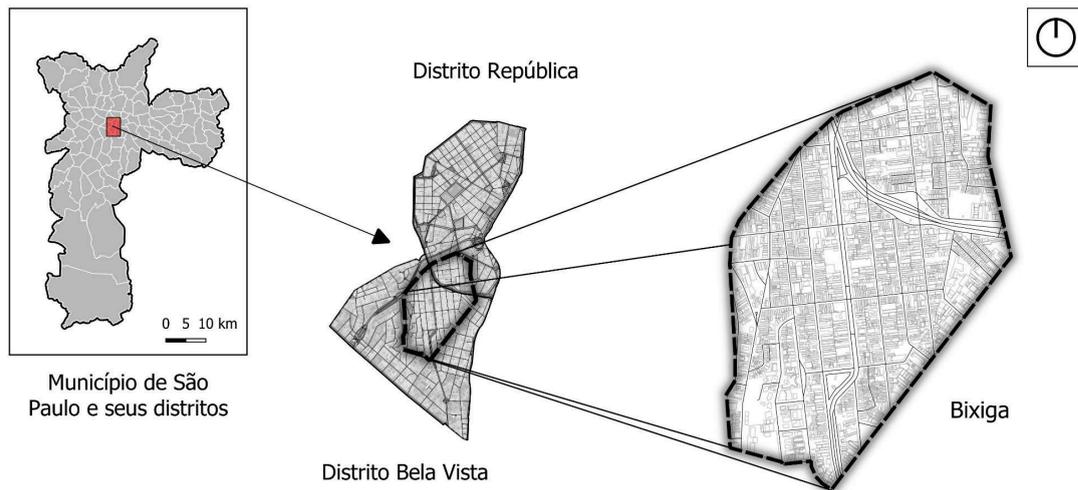


FIGURA 1. Mapa de localização do bairro do Bixiga. Produção autoral, 2024.

Ocupando-se da estrutura urbana profunda, o estudo da esfera topo-semiótica permitiu inferir a existência de espaços com diferentes qualidades relacionais, sendo eles: Espaços Convidativos, Espaços Não-Convidativos, Espaços em Transformação e Espaços Profundos (Figura 2A). Também foram definidas linhas de conexão internas e externas ao bairro que integram esse pedaço da cidade às outras partes da capital (Figura 2B). As manchas que refletem a qualidade do espaço versam sobre a presença/ausência das pessoas, que no seu uso particular das ruas traduzem o significado daquele ambiente, que pode não incluí-lo, como o faz parte expressiva do chamado Morro dos Ingleses; ser esvaziado (profundo), como a Travessa dos Arquitetos e o emaranhado de ruas na região nordeste do bairro; ou abraçá-lo, permitindo que haja um engajamento na rua, corporificado através do samba, do comércio, dos eventos etc., ocorridos, por exemplo, nas ruas Treze de Maio e Maria José. Destacamos também uma mancha denominada Transicional, que observa o fenômeno de mutação urbana referente à instalação de obras do Metrô, modificando a natureza de acesso das ruas Una, Manoel Dutra, Cardeal Leme entre outras.

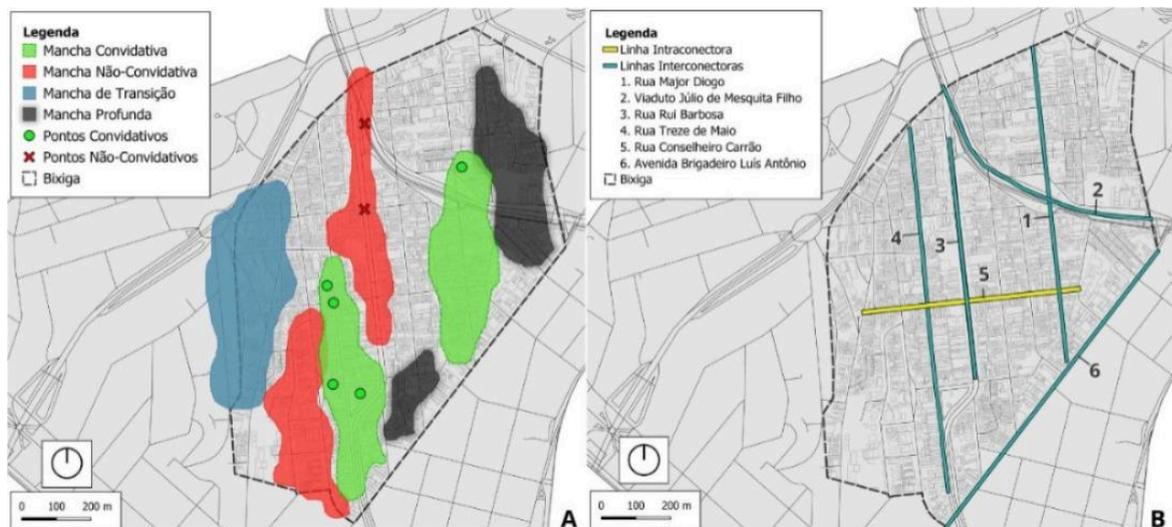


FIGURA 2. Mapas da estrutura topo-semiótica do Bixiga: A) manchas das relações espaciais; B) linhas conectoras. Produção autoral, 2024.

O comportamento social identificado pela esfera sócio-semiótica (festividades religiosas, festas populares, protestos, apropriações do espaço etc.) revelam o caráter popular e a dimensão humana do Bixiga, com processos permanentes de uso e significação espacial. A feira de antiguidades, por exemplo, que ocorre todo domingo desde 1984, sugere uma função extra-comercial, ou seja, sua dinâmica expressa-se para além do econômico e conduz, cotidianamente, a agremiação de moradores e não-moradores do bairro. A procissão de Ogum junto à escola de samba Vai-Vai, as Congadas, as rodas de samba feita por moradores, os blocos carnavalescos, a denúncia contra a falsa abolição na rua Treze de Maio através da Lavagem da Escadaria do Bixiga (Figura 3A), a Escadaria do Jazz (Figura 3B) e a festa de Nossa Senhora Achiropita (Figura 3C) exemplificam e refletem a construção subjetiva do espaço. O aspecto totalmente público dos eventos listados, reflexo de uma rica dinâmica urbana, demonstram a vitalidade urbana do bairro. De acordo com Jacobs (2011), caso os laços sociais fossem todos estabelecidos sob a égide da vida privada, a cidade não teria serventia, posto que ela mesma tem uma natureza pública.



FIGURA 3. Elementos da dimensão sócio-semiótica do Bixiga: A) Lavagem da Escadaria; B) Escadaria do Jazz e C) Decoração da festa de Nossa Senhora Achiropita. Acervo pessoal, 2024.

O estudo da dimensão estético-semiótica (figura 4), que dá conta das intervenções plásticas e artísticas no objeto arquitetônico do bairro, revela a condição empática dos moradores, que convivem com uma gama de intervenções (grafites, pichações e murais) e edificações históricas que simpatizam com a multiplicidade semiótica e cultural desse pedaço do espaço urbano, produzindo uma rica leitura espacial que subverte o esquematismo monocromático empobrecido das cidades genéricas produzidas pelo capital. São artes urbanas, edifícios coloridos com as cores da bandeira italiana, murais que enfatizam a presença negra no bairro e a religiosidade de matriz africana, vitrines, exposições de artigos antigos etc. Os edifícios que estão dando visibilidade para marcas tornam-se emblemas,

estruturas que traduzem uma relação comercial com o espaço, ao passo que aqueles livres de intervenções (seja de qualquer natureza), preservam a qualidade estética original do prédio.



FIGURA 4. Mapa de intervenções estéticas no objeto arquitetônico. Produção autoral, 2024.

Diante da interpretação simultânea que o cidadão faz dessas três esferas, produz-se o conteúdo humano das cidades e os micro discursos populares emergem espacialmente, renovando os locais tradicionais da convivência no espaço público e operando sua manutenção, sobrevivendo à virtualização exacerbada das relações sociais e à gentrificação, numa espécie de micropolítica de resistência urbana. O sentido urbano possível de se abstrair do presente estudo aponta para uma valorização do elemento popular como componente que protagoniza a construção do espaço urbano, principalmente no que tange aos bairros históricos, que abarcam os processos políticos e históricos que acometem a cidade e as gerações que fazem uso dela.

Como bem descreve Gomes (2002), a noção de cidadão é de ordem geográfica, visto que na fundação do termo existe um componente espacial, sendo aquele que habita a cidade (grega). Este território, que corporifica a atividade política, social e cultural de seus habitantes, também circunscreve o limite espacial dessas atividades e é condição para que essas existam efetivamente. No Bixiga, e em outros bairros e cidades históricas latino-americanas que traduzem relações conflituosas da periferia do capitalismo, a produção do espaço é feita material e imaterialmente pelos habitantes, que frequentemente empreendem esforços contra projetos antissociais que privilegiam a dimensão turística e espetacularizada do seu ambiente de vida (Gonçalves, 2016).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Empatia Espacial e a Ambiência Urbana, tomadas em conjunto para o estudo, revelaram que o Bixiga é um bairro cujo espaço tem qualidades empáticas, demonstrando a capacidade desses instrumentais teóricos para a captura daquilo que essencialmente constitui as cidades, que é seu sentido (sua orientação) socialmente construído e compartilhado ao longo das dinâmicas cotidianas. A gentrificação e projetos urbanísticos que buscam erigir realidades hiper-projetadas negligenciam a autêntica dinâmica social que verdadeiramente produz a cidade. É na rua onde a diversidade, o encontro com o desconhecido e a multiplicidade de usos se efetivam (Magnani, 2003), e não em grandes projetos imobiliários impostos verticalmente à população. Nesse âmbito, consideramos que o presente trabalho contribui para a compreensão da realidade urbana paulistana, sem pretensão de esgotar o tema e sua inerente complexidade, além de esboçar possibilidades para futuras pesquisas, seja estudando outros bairros em São Paulo ou no Brasil, seja modificando a escala de análise, abrangendo ou restringindo a lente metodológica, podendo interpretar os fenômenos de significação espacial em ruas e avenidas específicas ou em distritos, por exemplo.

## CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES

L.C.S.: Produziu a cartografia; escreveu o resumo; coletou e analisou os dados; fez as visitas técnicas.

D.G.: Fez a concepção do projeto; fez a curadoria dos trabalhos; orientou a pesquisa; analisou os dados; fez a curadoria da cartografia.

Todos os autores contribuíram com a revisão do trabalho e aprovaram a versão submetida.

## AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem ao IFSP - Instituto Federal de São Paulo, instituição à qual estão filiados, por proporcionar o ambiente e os recursos necessários para o desenvolvimento dessa pesquisa, fruto de uma Iniciação Científica. Agradecem também ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo apoio financeiro proporcionado por meio da bolsa de iniciação científica de seu Programa de Institucional de Bolsas de Iniciação Científica nas Ações Afirmativas (PIBIC-AF) - Edital N°215 de 30 de março de 2023.

## REFERÊNCIAS

ASCHER, François. **Os novos princípios do urbanismo**. São Paulo: Romano Guerra, 2010.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CASTAÑEDA, Jairo Humberto Agudelo. **Empatías urbanas y Geosemiótica: el sistema geográfico de los signos urbanos**, 1° ed., Bogotá: Ediciones Unisalle, 2021.

CASTAÑEDA, Jairo Humberto Agudelo. **Empatías urbanas: la lectura semiótica del espacio y la construcción de sentido urbano**. Tese de Doutorado. Universidad de Valladolid, Valladolid, 2017.

DUARTE, Cristiane Rose Siqueira; PINHEIRO, Ethel; UGLIONE, Paula; LIRA, Elza; THOMAS, Bárbara; GUERRA, Juliana. Uma ambiência urbana à luz do conceito de Empatia Espacial: a Pedra do Sal, no Rio de Janeiro. In: Congresso Internacional de Espaços Públicos, 1°, Porto Alegre, 2015. **Anais [...]** EDPUCRS, v. 1. 2015.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

GONÇALVES, Camila Teixeira. **Intervenções contemporâneas no Bixiga: fissuras urbanas e insurgências**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2016.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. 3° ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Rua, símbolo e suporte da experiência urbana. **Os Urbanitas: Revista Digital de Antropologia Urbana**, v. 1, n. 0, 2003. Disponível em: [https://nau.fflch.usp.br/files/upload/paginas/rua\\_simbolo%20e%20suporte%20da%20experiencia%20-%20magnani\\_0.pdf](https://nau.fflch.usp.br/files/upload/paginas/rua_simbolo%20e%20suporte%20da%20experiencia%20-%20magnani_0.pdf). Acesso em: 30 jun. 2024.

MATHEMA, Silva. Gentrification: um exame atualizado da literatura. **Antropolítica - Revista Contemporânea de Antropologia**. s.l. n. 38, p. 87-97, 11 jan. 2016. DOI 10.22409/antropolitica2015.0i38.a41692. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/antropolitica2015.0i38.a41692>. Acesso em: 19 out. 2024.

PACCA, Penha Elizabeth. **A estagnação urbana como parte da metrópole paulistana do século XXI: o caso do Pari**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulos, 2010.